

Julian Barnes

UM TOQUE DE LIMÃO



Rocco

Resumo de Um Toque de Limão

“Entre os chineses, o limão é o símbolo da morte”, escreve o autor Julian Barnes em seu livro de contos, *Um toque de limão*, cujos personagens são, em sua maioria, anciãos cientes de que o auge de suas vidas já passou há muito tempo.

São pessoas que se preocupam com seu testamento, escrevem cartas para serem lidas após sua morte e explicam aos filhos o que deve ser feito com suas cinzas. Alguns ignoram a proximidade do fim e se apegam à frágil esperança de viver uma reviravolta; outros estão senis demais para saber que vão morrer em breve.

No entanto, embora o tema central desses 11 contos seja demasiado azedo, eles são um deleite para o leitor exigente, porque trazem os habituais toques de humor e filosofia de Julian Barnes, considerado um dos melhores escritores ingleses da atualidade.

Outro personagem real é o escritor russo Ivan Turgenev (1818-1883), presente no conto *O reviver*. Aos 60 anos, ele viveu uma desilusão amorosa com uma mulher de 25, história que leva Julian Barnes a várias reflexões.

O autor questiona, dentre outras coisas, se o sexo, onipresente na atualidade, já não era uma obsessão no século XIX. O narrador se pergunta se as poéticas cartas de amor de Turgenev não esconderiam as mesmas taras sobre as quais se fala abertamente hoje em dia.

Seriam a elegância e o romantismo do clássico realismo russo uma metáfora para barbaridades sexuais semelhantes às praticadas no século XXI? O humor ácido e inteligente de Julian Barnes aflora em contos como *O cercado das frutas*, em que uma mulher de 80 anos se separa do marido de 81 porque descobre que ele tem uma amante de 65.

Em *Uma breve história do estilismo de cabelo*, o personagem Gregory revê sua vida por um ponto-de-vista peculiar – do medo que sentia da tesoura do barbeiro na infância ao seu desconforto nos modernos salões

unissex de sua velhice.

E em Vigilância, Barnes brinda o leitor com um divertido e psicótico melômano preocupado em intimidar e castigar as pessoas que fazem qualquer tipo de barulho nos concertos. Seu ex-amante questiona se isso não seria exagero – talvez Mozart, ao compor, tivesse levado em conta que sua música seria executada para as platéias barulhentas das cortes reais e ducais de sua época, com nobres bufões bebendo, banqueteados e gargalhando durante o concerto, quem sabe até jogando ossos de galinha na harpista.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)